

A UNIDADE LATINO-AMERICANA E SUA OPORTUNIDADE

Maria Lúcia de Souza Rangel RICCI

Sem dúvida alguma é significativamente oportuno o estudo de Luciana Silveira de Aragão e Frota sobre **Brasil-Argentina: divergências & convergências**, nos dias que vivemos, não apenas para melhor compreendermos as diferentes formas de cooperação que ambos os países ora procuram encetar, como, para repensarmos o verdadeiro papel que a América Latina deve desempenhar na contemporaneidade.

Com exaustiva e criteriosa análise, linguagem fluente, procurou a Autora desvendar a posição dos argentinos sobre as relações bilaterais e, principalmente, as várias condições de integração que na atualidade se desenvolvem, levando em conta o posicionamento da política exterior brasileira.

Ao abordar, num primeiro momento, os interesses extra-regionais que, notoriamente na origem de ambas as nações dificultaram a integração física, verificou não apenas a importância das experiências históricas concretas dos dois países, como também a maneira pela qual foram inseridos no sistema internacional, enfatizando que “apesar das considerações sobre a inexistência de um projeto de política exterior no Brasil, após 1930, a falta desse projeto explícito favoreceu as trocas comerciais e o poder de barganha nas relações externas, no período da II Grande Guerra” (p. 72).

E, justamente à época de Vargas e Perón, ambos, por repetidas vezes, trabalharam pela unificação latino-americana, sentindo a sua importância, e, de certa forma, apoiados principalmente pelo Chile, Equador e Bolívia. Todavia, com o projeto de política exterior, certas restrições foram impostas à vida brasileira no que concerne ao âmbito sul-americano. Por aí podemos entender o porquê da Argentina entre os anos de 1953-54, haver implementado “vários tratados bilaterais com o intuito de promover a união econômica com o Chile, a Nicarágua, o Equador, a Bolívia e o Paraguai.” (p. 88).

Foi tão somente com a chamada Revolução Libertadora que os rumos políticos sofreram alterações, inclusive visando impedir o retorno do "peronismo" ao poder.

O governo Juscelino Kubitschek efetuou uma nova tentativa brasileira para fomentar a aproximação sul-americana, além de promover o desenvolvimento econômico.

Entretanto, a política tumultuada brasileira e argentina acabou por impedir que, por exemplo, o "Encontro de Uruguaiana" caminhasse; com a renúncia de Jânio Quadros e a queda de Frondizi, as questões relativas às relações entre ambos países foram tratadas pelos canais diplomáticos tradicionais, o que, em outras palavras, significa dizer que nada ficou sobre o aproveitamento dos rios da Bacia do Prata, até porque, com receio de uma hegemonia brasileira, a diplomacia argentina acabou por pleitear normas jurídicas para o aproveitamento das águas, a fim de que não revertisse em seu prejuízo, uma vez que temia o nosso país por este possuir o controle do sistema fluvial no Prata.

Mas, com a evolução do conceito de defesa de política estratégica, no que tange às relações com a Argentina, quando o Brasil passou a falar da defesa bilateral, foi que a situação começou a modificar-se, mesmo porque "as crises do petróleo e do chamado "milagre econômico" brasileiro impuseram um novo modelo ligado à necessidade de captação de novos recursos no exterior, novas tecnologias, novos mercados abertos à exportação brasileira. Já não era mais possível a rigidez ideológica dos anos 50-60" (p. 107).

Ressalta ainda a A. que a integração argentino-brasileira que, embora seja fruto de um projeto surgido por iniciativa governamental, não a torna menos sólida, pois retrata a intenção de aprofundar as bases do entendimento e cooperação na América Latina que, em verdade, só será plena se houver uma vontade política de ambas as partes.

E o Governo Sarney, em que pesem os aspectos negativos de sua política, teve o mérito de estreitar as relações latino-americanas, especialmente com a Argentina. O grande problema, no entanto, que ainda persiste para uma real integração, é que tanto o Brasil quanto a Argentina dispõem de uma inexpressiva poupança interna e uma tecnologia bastante atrasada.

Todavia, urge às lideranças brasileiras, argentinas e todos os demais países que se associarem a este projeto, somar suas forças, fazer valer seus interesses, crescer internamente, para não ficarem remoendo complexos, contentando-se em serem apenas o "quintal" do mundo desenvolvido!...